

Lutas, narrativas e o fortalecimento da língua Měbêngôkre (Kayapó) por uma liderança Metuktire¹

Struggles, narratives and the strengthening of the Měbêngôkre (Kayapó)

Entrevistado
Okreãjti Metuktire (Patxon)
Instituto Raoni

Entrevistadora
Michelly Silva Machado²
PPGA-IFCH-UFPA

mih.machado02@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-1607-4368>

DOI [10.5281/zenodo.13705187](https://doi.org/10.5281/zenodo.13705187)

1. APRESENTAÇÃO

Okreãjti Metuktire, conhecido como Patxon, é uma liderança Kayapó, neto do cacique Raoni Metuktire, 39 anos. É acadêmico do curso de direito, poliglota e intérprete/tradutor de měbêngôkre para o português brasileiro PB. Acompanhou e ainda acompanha o seu avô a encontros nacionais e internacionais para debater sobre questões climáticas, invasões de Terras Indígenas e o fortalecimento de políticas dos e para os povos originários. Tem o sonho de ser advogado, promotor e também ser contador, relata que independente da profissão, o importante é contribuir para o seu povo. Deseja ser um profissional que atua junto ao povo e para o povo. Conforme relatou, luta para defender a causa indígena diante de gente interesseira que utiliza as ferramentas políticas para aumentar seus lucros e patrimônios.

¹ Entrevista realizada no modo remoto pelo *Google Meet* em 25 de janeiro de 2022, em atenção aos protocolos sanitários no período da pandemia.

² Mestra em Diversidade Sociocultural (PPGDS-MPEG), Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA-UFPA) e Doutoranda em Antropologia Social (PPGA-UFPA).



Figura 1 - Okreãjti Metuktire. Fonte: Acervo do entrevistado, Facebook - 2024.

Nota: na imagem, um homem indígena, com rosto sério. Ele tem cabelo curto, usa um cocar de penas e usa uma blusa azul.



Figura 2 – Cacique Raoni Metuktire e o neto Okreãjti Metuktire. Fonte: Acervo do entrevistado, Facebook - 2014.

Nota: na imagem há dois homens, um homem indígena idoso e um homem indígena mais novo, o homem mais novo está falando algo para o para o avô. O avô está de cabelos soltos, tem cabelo longo e enrolado, usa blusa azul, um cocar de penas, brinco e colares de miçanga, possui um boteque grande e redondo no lábio inferior, este adorno é um sinal de prestígio e de capacidade de oratória. O rapaz mais novo está narrando algo, as mãos estão perto da boca. Ele possui pinturas corporais no rosto feitas de jenipapo, usa um colar de miçanga e blusa preta.

2. ENTREVISTA

Michelly Machado - Em nome do Caderno 4 Campos, eu agradeço a tua disponibilidade para falar comigo de forma virtual, obrigada. Bom, começo perguntando sobre os Kayapó, na verdade os povos originários em si, de maneira geral, eles têm uma relação diferenciada com os anciões, é uma forma que infelizmente alguns de nós Kubẽ/Kubẽnire não temos com os nossos avós, por exemplo. Para você, como é ser neto do cacique Raoni Metuktire? Quais as responsabilidades desse laço familiar? Você pode falar um pouco sobre a sua jornada?

Okreãjti Metuktire - Quando eu estou aqui na cidade, eu fico fazendo esse trabalho de ir ajudar, apoiar, estar com eles quando eles precisarem. Eu tinha parado de estudar no curso que eu estava fazendo por causa da pandemia e também devido a minha saída da Fundação para a aldeia. Aí, quando a Saúde Indígena me deu essa oportunidade, eu voltei para o curso de novo. Assim, conforme surgir trabalho na cidade, eu vou estudar. Quando não tem trabalho, eu vou para a aldeia. Ah, obrigada por marcar esse momento.

Michelly Machado - Eu que te agradeço, Patxon. Eu vou fugir completamente ao meu roteiro, vou aproveitar para fazer uma pergunta. Eu acompanho alguns alunos que vêm estudar aqui na UFPA. Eles falam que é muito difícil seguir com o curso, sobretudo para quem é liderança, ter que concentrar trabalho, estudo, viagem, família, encontros. Em muitos casos, ter que ir para a aldeia, ter que ficar na sala de aula, cumprir as atividades. Ocorre que existem professores que não entendem, reprovam o aluno ou eles acabam ficando com o conceito baixo. Enfim, acabam desistindo do curso. Para você que é uma liderança, como você analisa o ingresso na universidade? O que pode melhorar em relação à permanência dos estudantes indígenas?

Okreãjti Metuktire - No ano de 2019, eu tinha iniciado o estudo, mas eu precisava estar com o cacique, foi quando tive que passar 45 dias em uma cidade chamada Bordeaux, na França. Isso me deu um prejuízo de acompanhar o estudo na faculdade. Eu fui percebendo que não tinha como estar ao mesmo tempo com lideranças lá e estudar. Eu penso que devemos estudar e se preparar, ter um preparo, ter um fundamento de política e de legislação para poder estar com um embasamento bem sólido e poder assessorar as lideranças, por isso é importante estudar. Meu sonho é estar preparado para poder continuar com o trabalho e ajudar o meu povo.

Michelly Machado - Certo, é muito importante isso. Eu acompanho algumas postagens que você faz no Facebook, na verdade muitas delas, em algumas você narra histórias e conta sobre os seus antepassados, por que você faz isso?

Okreãjti Metuktire - É da nossa cultura. O pai conta muita coisa para a gente e a gente pega e aprende. Eu procurei escrever muita coisa que ele conta, que eles contam, né. E aí eu procurei escrever para deixar registrado. Eu também estou me esforçando aqui para poder escrever.

Michelly Machado - Em algumas postagens você explica os significados de alguns nomes em Kayapó. Seguindo o que nos diz a literatura sobre os povos Jê, normalmente, os nomes seguem uma linhagem e são herdados, o que você pode nos falar sobre a história dos nomes.

Okreãjti Metuktire - Bom, os nomes são específicos da família. Nenhuma linhagem, nenhuma família está autorizada a colocar nome nos descendentes sem a autorização dos donos dos nomes, existem nomes que pertencem a outros. A não ser que, devido a alguma relação do indivíduo, do ancião com a outra família, eles acabam transmitindo o nome para a outra família, mas, essa pessoa não tem permissão de transmitir para os seus descendentes, ele tem que devolver o nome, isso é da cultura nossa. Por um lado, o Kayapó tem o hábito, é tradicional, ele tem o costume de, em algum momento da vida, eles passam por caçadas e cerimônias, nessas cerimônias eles colocam nomes, eles decidem colocar nomes de guerra, é semelhante a isso. A partir disso, todos os guerreiros se conhecem com aqueles nomes, fica como um apelido, não é um oficial. O meu avô Raoni, ele também tem esse nome, que não é o nome dele oficial não, o oficial é Kukeitikrindjà. O nome que a gente tem oficial é aquele transmitido pelos nossos avôs, nosso pai e nosso avô. Quando a gente cresce, em um momento de caçada e expedição a gente escolhe um nome para colocar, é um nome que depois de cinco anos paramos de chamar, a não ser que fique muito na pessoa o nome.

Michelly Machado – Patxon, você falou do ato de nomear em Kayapó, acredito que todo nome tem uma história, tu poderias compartilhar a história do teu nome?

Okreãjti Metuktire - A primeira informação é essa: existe essa cultura da capital. E, um primo, um irmão da minha avó, que morava do lado do estado do Pará, parece que eles queriam colocar um nome de branco. Aí, ele escolheu o nome de Sebastião, só que ele pronunciou errado e o pessoal o chamou de Batxon (Bastião). Aí, em 1985, quando eu nasci, em Brasília, a minha avó e a minha mãe decidiram colocar o nome desse primo em

mim. Primo dela, portanto, tio da minha mãe, foi como uma homenagem a ele. O nome dele mesmo é Okreãjti, por isso que no meu Facebook está esse nome Okreãjti, um dos nomes desse primo da minha avó é Sebastião. Vamos supor, Michelly. O pessoal a chama de... algum nome carinhoso. Aí, você vai colocar esse seu nome, Michelly, na sua neta e assim vai. Ela colocou o nome Okreãjti em mim e também pegou o segundo nome dele, o segundo apelido do primo da minha avó, Batxon. Mas, quando a Escola Paulista de Medicina foi registrar meu nome para vacinar, por um erro os médicos colocaram a letra P. Aí ficou até hoje, o meu registro de Patxon. Mas, o meu nome é Okreãjti, o que está no Facebook não é registrado, mas é o meu nome. Eu posso passar esse nome para algum filho da minha irmã ou de algum neto meu. Então, foi uma pronúncia dos Kayapó para o português, pegaram o Sebastião e colocaram Batxon. Quando eu nasci colocaram em mim, mas quando foram botar o meu nome no cartão de vacina, substituíram /b/ pela letra /p/, ficou Patxon até hoje, risos. É essa a história, eu acho que Patxon é um nome novo, a partir de algum outro, risos.

Michelly Machado - Então, é um nome novo, completamente inovador, seria único?

Okreãjti Metuktire - Agora, eu sei que no Alto Xingu tem um Patxon, que é da etnia Kuikuro. Tem outro Kamayurá, que é um menino também chamado de Patxon. Tem um Patxon em Baú, aldeia aqui Kayapó. Tem o Patxon, que é o nome de um filho de um funcionário que trabalha com o povo Kayapó do Pará, o filho dele fala comigo hoje. Então, são quatro indivíduos, cinco comigo. Nós vamos fortalecer esse grupo aí.

Michelly Machado - Olha, são cinco no Brasil. A tendência é ramificar. Muito bacana, Patxon. Tem alguns estudos que falam dessa questão. Porque o som /p/ e o /b/ são próximos, tem o mesmo ponto de articulação, estão em contato com os dois lábios, são bilabiais, acho que a fonologia explica isso.

Okreãjti Metuktire - É porque o Kayapó ele não fala /l/, o Kayapó não fala /x/, não fala /s/. O que a gente fala mais é /k/ e /t/, com força *tí* [ti] e *kà* [kɬ], *akati* (dia). Tem essas palavras que realmente o som a gente não fala: /s/ e /l/, a gente não fala essas palavras, então, por isso que quando escutamos esse nome, foi falado do jeito que dava e podia falar.

Michelly Machado - Aproveitando o assunto, em relação à questão da língua, eu sei que você é poliglota, né? Você fala tanto mēbêngôkre como outras línguas indígenas, você fala também o português. Foi em 2019 que a língua mēbêngôkre passou pela

cooficialização em São Félix do Xingu/PA. Foi a primeira língua cooficial do estado, porém, a gente sabe que não é só cooficializar, tem uma série de questões, mas isso foi um grande marco para as políticas linguísticas locais. Você poderia falar um pouco sobre o mēbêngôkre? Ela é uma das mais faladas dos povos Jê, mas mesmo assim, será que ela corre risco? O que tu achas? A língua mēbêngôkre corre risco no Brasil? Qual a tua opinião?

Okreãjti Metuktire – O Kayapó, ele o mēbêngôkre é falado por mais de 10 mil indivíduos Kayapó. Só para você ter uma ideia, tem dois grupos étnicos diferentes aqui, o Tapayuna e o Panará, eles moram com a gente, bem perto, e a nossa língua domina a deles. Eles falam a nossa língua para se comunicarem com a gente. O Panará que trabalha com nós fala comigo na nossa língua. Por outro lado, eu me esforço para falar na língua dele também, porque eu tô aprendendo a falar panará, terceira língua. Então, agora as escolas, às vezes, estão se esforçando para poder ensinar as crianças a falarem, a escrever. Diferente de outras etnias, acho que no Mato Grosso do Sul é muito forte a língua. Mas, outras etnias que a gente percebe aqui, como alguns Terenas, eles não falam mais a língua. Nós, no nosso caso, o nosso pessoal ainda é muito forte com a língua. As crianças falam a língua Kayapó. Os profissionais de saúde, eles tentam aprender a língua Kayapó para se comunicar com o paciente. Assim, acho que a língua some a partir do domínio de outra língua. Com relação ao português, o Kayapó aqui da nossa região é muito forte, inclusive no Pará também é muito forte. Mas, a partir das experiências de outros povos, eles perderam território significativo e permitiram a interferência intensa de não indígenas lá. Miscigenação também, o envolvimento com não indígenas. Esses fatores ocasionaram que eles não falassem mais a língua. Porque, no dia a dia, eles sabem da língua, mas praticar é diferente de nós. Eu acho que se a gente perder o território e permitir a interferência intensa de outro podemos perder, por isso eu gosto de escrever e de contar sobre a história do meu povo, para nunca esquecer.

Agradecimentos

Agradeço ao Patxon pela entrevista e por compartilhar valiosas informações sobre a sua forma de pensar e registrar as histórias de seus ancestrais.

Data de envio (Recebido) 17 de maio de 2024

Aceito em 29 de maio de 2024